

www4.fsnet.com.br/revista

Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 2, art. 9, p. 160-185, abr./jun. 2014

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.2.9>

SOCIOPOETIZANDO A SEXUALIDADE: O PENSAMENTO FILOSÓFICO DOS JOVENS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

SOCIOPOETIZANDO SEXUALITIES: THE PHILOSOPHICAL THOUGHT OF THE YOUNG PEOPLE FROM A PUBLIC SCHOOL

Francimeiry Santos Carvalho

Mestra em Educação/Universidade Federal do Piauí

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: meiry_carvalho@yahoo.com.br

Teresina, Piauí, Brasil

Cristianne Teixeira Carneiro

Mestra em Educação/Universidade Federal do Piauí

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: cristianneteixeira@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Shara Jane Holanda Costa Adad*

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará

Professora adjunto II da Universidade Federal do Piauí

E-mail: shara_pi@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Maria Augusta Rocha Bezerra

Mestra em Saúde da Criança e do Adolescente/Universidade Estadual do Ceará

Professora da Universidade Federal do Piauí

E-mail: mariaaugusta@ufpi.edu.br

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Shara Jane Holanda Costa Adad

Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Campus da Ininga - Planalto Ininga, Teresina, Piauí, Brasil, CEP: 64049-550.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 19/02/2014. Última versão recebida em 03/03/2014. Aprovado em 04/03/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Este artigo objetivou analisar as ideias dos jovens do Curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Floriano sobre a sexualidade. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem Sociopoética, da qual participaram seis jovens. Nos resultados, foram encontradas duas linhas de pensamento: os saberes e experiências dos jovens sobre a sexualidade, na qual problematizaram, dentre outros assuntos: os sentimentos, o corpo, questões de gênero e puberdade. Na segunda linha, foram encontradas as dificuldades dos jovens, estratégias e aliados na superação dessas dificuldades como: as dúvidas, o relacionamento com os pais, os sentimentos, as escolhas, os riscos, assim como as estratégias e os aliados que os ajudaram nas problemáticas. Mediante as dimensões do pensamento dos jovens, percebe-se que demonstraram saber das inquietações advindas das dificuldades que atravessam com a sexualidade, assim como permitiram conceituar algo diferente e novo através das discussões de acordo com as experiências e os saberes que trouxeram consigo, impregnados pelas suas vivências. O trabalho revelou a possibilidade de adentrar no universo da temática da sexualidade dos jovens, enquanto objeto de estudo, de outros modos menos assujeitados, demonstrando os conceitos dos próprios jovens sobre a sexualidade e a capacidade que os mesmos possuem de problematizar o tema em questão.

Palavras-chave: Jovens. Sexualidade. Sociopoética.

ABSTRACT

This article aimed at to analyze the present philosophy in the ideas produced about the sexualities by youths of the Technical Course in Nursing of the Technical School of Floriano of the Federal University of Piauí. It was treated of a qualitative research with approach investigation Socio-poetics. It took place the investigation with six young. In the results they were found two thought lines: you know them and the youths' experiences about the sexuality, where they problematized the feelings, the body, gender subjects, puberty among others. In the second line, the youths' difficulties, strategies and allies were found in the overcoming of these difficulties as: the doubts, the relationship with the parents, the feelings, the choices, the risks as well as the strategies and the allies that helped them in the problems. By the dimensions of the youths' thought it is noticed that demonstrated to know of the inquietudes arising of the difficulties that you/they cross with the sexuality, as well as they allowed to consider something different and new through the discussions in agreement with the experiences and you know them that they brought with itself, impregnated by their existences. The study revealed the possibility of entering the world of theme of youth sexuality, as an object of study in other ways less devoid of will, demonstrating the concepts of the youth on sexuality and the ability that they have to discuss the subject in question.

Keywords: Young. Sexuality. Socio-poetics.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é um termo do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo, pois incorporou a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao “ser sexual”. Comumente é entendida como vida, amor, relacionamento, sensualidade, erotismo, prazer (GUIMARÃES, 2002). É definida por Carvalho e Pinto (2009) como a expressão de desejos e prazeres. Envolve preferências e experiências físicas e comportamentais, orientadas a sujeito do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. A partir do século XIX, torna-se uma questão relevante para a vida em sociedade, como demonstram as discussões entre Psicólogos, Psicanalistas, Médicos Hebiatras, Sociólogos, Antropólogos, Educadores, Enfermeiros, dentre outros profissionais da saúde, educação e outras áreas.

Em meio ao contexto histórico da temática da sexualidade, surgem os seguintes questionamentos: os discursos sobre a sexualidade, tão disseminados, sempre foram vistos como sensações, aproximações, brincadeiras e diálogos entre os jovens? A sexualidade foi pensada como parte integrante e inerente na vida deles? No que se refere ao início do século XVII, Foucault afirma que:

Ainda vigorava certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, de decência, se comparados com o século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam¹” (2011, p.10).

No entanto, nesse enfeitar-se, muito se fez para silenciar as vozes escandalizadas por esse tema tão “explorado”, tão “sem vergonha”, porém “a sexualidade foi cuidadosamente encerrada”. Mudou-se para dentro da casa, a família conjugal a confisca e absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal legítimo e procriador dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2011). Seguindo este direcionamento, ao refletir sobre o contexto histórico e atual da temática da sexualidade, surgem como questionamentos: a sexualidade ao ser confiscada como tema para

¹ (*lat pavone+ear*) vtd e vpr. Enfeitar (-se) vistosamente: Pavoneavam as crianças para o desfile.

o interior das famílias conseguiu estabelecer diálogo nelas? Ou tornou-se uma forma de reprimi-la ainda mais?

Historicamente, percebe-se que a sexualidade é um conceito em disputa, e a depender do autor, do olhar informado, da área de conhecimento, dos atores em suas vivências e ideários toma acentos particulares quanto à referência ao sexo, o que se confunde com distintos construtos de vida. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. Entendendo-a desse modo, como inerente à vida, a sexualidade está intrinsecamente ligada ao ser jovem e portanto também ao modo como a juventude foi construída. É, portanto, natural que expressiva literatura no campo da sexualidade tenha-se voltado para a educação de jovens (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

No contexto da interlocução entre sexualidade e juventude, entende-se que esta é uma fase de profundas transformações, com amplitudes psicológicas, biológicas, sociológicas, culturais, afetivas e sexuais permitindo modificações de forma decisiva na vida dos jovens. Abramo (1994) corrobora que o termo juventude refere-se a uma faixa etária de idade, um período da vida em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre quando este abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto.

Porém, não cabe na definição da juventude apenas uma delimitação de tempo, como a circunscrita na Política Nacional da Juventude, que estabelece como jovem o brasileiro que se encontre na faixa etária entre 15 e 29 anos, assim como no Ministério da Saúde (MS), em consonância com a Organização Mundial da Saúde (OMS) que considera a adolescência o período de vida entre 10 e 19 anos e a juventude entre 15 e 24 anos (WHO, 1986; SILVA; SILVA, 2011).

Assim, concorda-se com Levi e Schmitt (1996) quando mencionam que nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado. Segundo esses autores, essa “época da vida” não pode ser delimitada com clareza por quantificações demográficas nem por definições de tipo jurídico, e é por isso que parece para eles substancialmente inútil tentar identificar e estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos.

De acordo com Adad (2011), para compreender como se constitui este sentimento “ser jovem”, como categoria destacada da infância e do mundo adulto, é necessário entendê-lo como uma construção social e histórica, de cunho eminentemente moderno. De tal modo, muitos aspectos fazem da adolescência e da juventude área de maior turbulência no percurso da vida do homem, já que seu protagonista tem escasso conhecimento de suas próprias potencialidades, esta ignorância gera pânico. Para enfrentá-lo, o jovem adota e utiliza modelos que se referem geralmente a mundos ideais (FERRARI, 1996).

Ao longo da vida, o corpo do ser humano se transforma levando-o à tentativa de perceber, conceituar, interrogar, compreender esse corpo e é na adolescência e, continuamente, na juventude que essas transformações e dúvidas se tornam mais evidentes. Além das mudanças comportamentais, sociais e culturais, existem as profundas transformações físicas que vão se manifestando com alterações nesse corpo tão (des)conhecido e ao mesmo tempo repleto de sensações, dores, amores e cores. Em meio a esse contexto, Macêdo (2012) refere-se aos jovens como sujeitos dotados de uma positividade, podendo contribuir, efetivamente, para a resolução de problemas e não apenas sofrê-los ou ignorá-los.

Assim, enquanto professoras de colégios técnicos públicos, a aproximação com alunos jovens que muitas vezes demonstravam preocupações e dúvidas em relação às suas aparências, cheiros, sensações e liberdade, situações de gravidez antes do término do ensino médio e abandono por parceiros motivaram o interesse pelo tema de estudo: sexualidade, no Colégio Técnico de Florianópolis, a fim de se aproximar desse universo de prazeres, emoções, dificuldades, mitos, curiosidades e tabus acerca da sexualidade dos jovens, pretendendo adentrar também em questões que aparentemente não estão sendo esclarecidas no cotidiano escolar e familiar.

É importante ressaltar os papéis da família e da escola na formação de jovens cidadãos, pois a ausência de ambas pode ocasionar impacto na vida desses jovens, induzindo-os a caminhos incertos e que talvez possuam consequências inesperadas e frustrantes, como: uso de álcool e outras drogas, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e outras. Percebe-se, no ambiente escolar, a presença de importantes e potencializadores agentes de transformação, que podem ou não atuar desse modo. São eles: professores, outros profissionais técnicos e também os próprios jovens.

Diante das indagações e das reflexões mencionadas, foi necessário ouvir os jovens em seus modos de pensar a sexualidade, tendo como questão de pesquisa: Quais são as ideias e os

confetos² produzidos sobre a sexualidade por jovens do curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Floriano - PI? Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa foi analisar as ideias dos jovens do Curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Floriano sobre a sexualidade.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é de caráter qualitativo, tendo como abordagem a pesquisa sociopoética. O idealizador da sociopoética é o filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, que a descreve como uma abordagem de pesquisa em ciências do ser humano e da sociedade, enfermagem e educação, com possibilidades de aplicação no ensino e na aprendizagem (GAUTHIER, 2010). Santos (2005, p. 01) afirma que:

Como método, a sociopoética defende a construção coletiva do conhecimento por parte dos pesquisadores e sujeitos de pesquisa, tendo como pressuposto básico que todas as pessoas possuem saberes (intelectual, sensível, emocional, intuitivo, teórico, prático, gestual) e, sendo estes iguais em direito, transformam o ato de pesquisar num acontecimento poético (do grego *poieses*=criação).

Para a realização de uma pesquisa Sociopoética são percorridos os seguintes caminhos: negociação, produção de dados, análise dos dados, contra-análise e momento filosófico.

A negociação configura-se como uma primeira oficina, na qual existe a formação do grupo-pesquisador (facilitador e copesquisadores), que deve ser de no mínimo 05 e de no máximo 20 pessoas. Nessa oficina, negocia-se o local da pesquisa, os dias, os horários em que as oficinas posteriores acontecerão, reafirmando se há o interesse dos sujeitos em participar da pesquisa como copesquisadores e demonstrando o quanto eles são parte imprescindível do estudo.

A produção de dados³ é realizada nas oficinas e analisadas posteriormente. A análise dos dados divide-se em dois momentos. No primeiro, os copesquisadores analisam os dados produzidos por eles. No segundo, quem realiza as análises plásticas e os relatos orais é o facilitador, originando a análise classificatória, os estudos transversais e a análise filosófica. A

² É definido como conceitos com afetos, estes conceitos produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos por estarem perpassados de razão, intuição, emoção, sensação.

³ Na sociopoética não se coleta dados, mas sim produz os mesmos, como forma de inserção cada vez mais de todos os partícipes como pesquisadores e pessoas imprescindíveis na pesquisa.

análise plástica permite um encontro com novos olhares acerca de toda a manifestação artística expressa pelo grupo-pesquisador.

A análise classificatória é a separação das ideias e diz respeito às oposições, alternativas e escolhas. Os estudos transversais são considerados por Gauthier (2010), como uma não análise, porque destaca as ligações, as ambiguidades e as convergências. A análise filosófica faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, porque na Sociopoética existe a liberdade de escolher abordagens isto é, desde que não se sobreponham aos conceitos e confetos criados pelos copesquisadores (ADAD, 2011).

A contra-análise possibilita um diálogo entre o pesquisador e os copesquisadores. Este momento permite ao leitor sentir a variação dada à pesquisa pelos copesquisadores, e leva também o facilitador a retificar, complementar e complexificar suas percepções iniciais quanto às linhas do pensamento do grupo, levando-as ao momento filosófico, sendo as referidas linhas confrontadas com as ideias dos filósofos de acordo com o tema pesquisado.

Dessa forma, o Colégio Técnico de Floriano, vinculado à Universidade Federal do Piauí – PI, foi escolhido como local para produção dos dados, sendo que o diretor da referida escola, ao conhecer o projeto de pesquisa apresentado pelas facilitadoras, concordou prontamente em dar sua autorização. Posteriormente, os alunos do curso técnico em enfermagem foram convidados, contando-se com o interesse em participar da pesquisa de 12 alunos, cujos pais e responsáveis também não hesitaram em dar suas autorizações.

O período de realização das oficinas foi de Fevereiro a Maio de 2013, segundo datas e horários previamente negociados. As falas e imagens dos copesquisadores nas oficinas foram gravadas por câmeras digitais, após autorizações dos pais e dos jovens, mantendo a preservação do anonimato e promovendo a integridade deles. No decorrer das oficinas, somente seis jovens permaneceram até o final da pesquisa, estando dentre os motivos mencionados pelos copesquisadores: o aparecimento de imprevistos nos dias agendados para as oficinas. Na oficina de negociação, os nomes fictícios escolhidos pelos copesquisadores foram: Júlia, Arthur, Ana Karla, Amanda, Maria Karla e Ana Júlia.

Gauthier (2010) afirma que não se trata de um grupo de pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir⁴, que age na pesquisa como se fosse único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem.

⁴ Segundo Petit (2002, p.04) uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida.

As oficinas sociopoéticas iniciam-se com brincadeiras como forma de “acordar” o corpo e posteriormente com um relaxamento que tem a intenção de conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual (ADAD, 2011). Desse modo, prossegue-se com a realização da técnica de produção de dados, na qual artisticamente os jovens entregam-se com corpo e mente nas atividades propostas.

Assim, foram realizadas duas técnicas de produção de dados. A primeira foi denominada *Os bichos da sexualidade*, na qual os jovens transformaram-se em bichos, como: *tartaruga ninja da sexualidade*, *tartaruga da sexualidade*, *cachorro da sexualidade*, *cobra da sexualidade* e *pássaro da sexualidade*. A segunda técnica foi *O corpo da sexualidade*, na qual os jovens escolheram uma parte do corpo e associaram à sexualidade. Dessa forma, os jovens dançaram, sorriram, produziram imagens plásticas e entregaram-se aos momentos vivenciados e experienciados através da Sociopoética.

3 MOMENTO FILOSÓFICO

O momento filosófico da análise sociopoética é aquele que permite um confronto entre as linhas de pensamento do grupo-pesquisador com o conhecimento produzido e as reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes. Por meio de dispositivos (técnicas artísticas), o grupo-pesquisador inventa novos conceitos e produz também metáforas. Essas, apesar de não se tratarem propriamente de um conceito, promovem uma tensão produtiva num mundo que, aparentemente, se apresentava pacífico e desproblematizado.

Na produção de dados, segundo Adad (2011) os copesquisadores criam conceitos e confetos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos e de multiplicidades. Assim, as linhas encontradas foram: *Os saberes e as experiências sobre a sexualidade* e *As dificuldades dos jovens sobre a sexualidade, as estratégias e aliados na superação dessas dificuldades*.

A primeira linha da pesquisa trata dos saberes e das experiências sobre a sexualidade, na qual os jovens problematizaram sobre os sentimentos, modo de exibição do corpo, os aspectos biopsicossociais como as questões de gênero, da puberdade, masturbação, DST/AIDS, métodos contraceptivos e a primeira relação sexual. As falas dos jovens expostas a seguir, são consideradas saberes, tanto o que eles conhecem quanto as experiências vividas com a sexualidade, por sua vez, essas experiências também foram pensadas como aquilo que os tocam, aquilo que se passa no corpo deles quando vivem a experiência como os sentimentos e as emoções.

Um dos saberes importantes para o grupo-pesquisador foi considerar a sexualidade como algo inerente ao ser humano, tornando-a natural, porque faz parte do indivíduo independente de ser praticada ou não e isto engloba o confeto *tartaruga ninja jeito sexual* que é aquela sexualidade natural e necessária porque faz parte do próprio indivíduo e não adianta querer repreendê-la porque de qualquer jeito se tem intimamente, embora sexualmente não seja ativa e praticada, é presente a vida toda, ela é presente até no movimento e no andar do jovem, o qual acaba tendo algum jeito sexual. Sobre este confeto, o grupo falou sobre os saberes da sexualidade *tartaruga ninja jeito sexual* realçando as questões ligadas à aparência:

A maneira como a pessoa se arruma, gosta de se sentir, a maneira que você vai vestir uma roupa que lhe deixa mais sexy, mais sensual, que vai agradar, chamar atenção de quem você quer e também chamar atenção de quem você não quer.

(Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Quando é seu está no seu íntimo, não tem como esconder, você mostra aquilo que você é e muitas pessoas acabam confundindo, vendo o que você não quer que veja e vendo o que você quer que veja e aí acaba de certa forma, confundindo o que você é, gerando o pensamento, aquilo que você sabe o que não é. Muitas pessoas acham que é e terminam confundindo tudo e parte pra nossa cabeça confusa saber lidar com aquilo. É como eu disse, faz parte da gente, a sexualidade é algo que todo mundo tem, independente de qualquer coisa, é natural, vital.

(Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

No que diz respeito às experiências vividas pelos jovens, existem no grupo-pesquisador várias discussões trazendo muitas divergências sobre o modo de o jovem vivenciar a sexualidade. Inicialmente, abordaram um determinismo ao mencionar que a sexualidade está intrinsecamente no indivíduo. Diante dessa assertiva dos jovens, BRASIL (2009, p. 02) afirma que a sexualidade:

Ao contrário do que se pensa, não é uma questão de “instintos” dominados pela natureza ou apenas de impulsos, genes ou hormônios. Tampouco se resume às possibilidades corporais de vivenciar prazer e afeto. Ela é, sobretudo, uma construção. A sexualidade envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de que somos. Esse é um processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. Nascemos dotados de determinadas capacidades biológicas. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso as expressões da sexualidade humana são tão diversas.

Percebeu-se que mesmo os copesquisadores afirmando que a sexualidade é íntima independentemente de qualquer coisa, eles abordaram que é necessária à utilização de atrativos bem característicos dos jovens, como: roupas sexy, modo de caminhar, o olhar, o sorriso para serem admirados ao passarem por rodas de pessoas, enquanto outros sentem

timidez dessa exposição, porque existe o melhor momento e o lugar certo. Há ainda os jovens que acham que existe uma valorização na utilização de roupas ousadas e que por isso as roupas e o comportamento de cada jovem definirão o respeito e a valorização que eles terão.

Nesse sentido, os copesquisadores divergiram quanto às ideias de exposição do corpo, afirmando que muitas vezes, dependendo da roupa que usam, podem ser denominados de “piriguete”⁵ e por isso criou-se o confeto *sexualidade cobra Gisele*, que é a sexualidade que não deseja se expor, fica mais à vontade com certas roupas e gestos, pois o corpo dela tem que ser valorizado. Assim, diante do questionamento na contra-análise⁶ sobre chamar ou não a atenção para a sexualidade, o grupo relatou:

Não é chamar atenção, ser sensual em todos os momentos, mas ter o momento certo pra fazer aquilo e os lugares certos. Até porque se você sair na rua com uma roupa muito curta, uma blusa curta, tomara que caia, um short curto você é titulado de que? De piriguete.

(Júlia, Florianópolis (UFPI), 2013).

Chamar atenção sim, mas não em todo momento, não em toda hora [...], a pessoa deixa de ser uma pessoa atraente, pra ser uma pessoa chata, uma pessoa que o homem não valoriza. Não adianta, o homem não vai valorizar uma mulher que não sabe se comportar, ele não vai respeitar ela, em todo momento ele vai pensar que aquela mulher não é a certa pra ele, uma mulher que não vai trazer segurança pra ele, uma mulher que ele não pode confiar [...].

(Arthur, Florianópolis (UFPI), 2013).

Mediante essas diferenças no pensamento do grupo, Furlani (2003) menciona que os padrões estéticos de beleza são construídos na cultura e, portanto, não são qualquer garantia de felicidade e satisfação sexual. Ademais, notam-se nos relatos, diferenças veladas de gênero na concepção dos copesquisadores, na qual a mulher deve seguir um “tal modo” de se comportar e de se vestir para ser “aceita” pelo homem e pela sociedade, conforme observado nos construtos acima.

Neste sentido, entende-se que a juventude é também um ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero. Tais diferenças podem potencializar criatividade, singularidade como podem tender a reproduzir divisões sexualizadas com conotação de assimetria e desigualdade (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

⁵ Piriguete: denominada piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, tende a procurar homens comprometidos e com alto poder aquisitivo. É um **termo pejorativo**, usado para descrever uma mulher que não quer outra coisa senão **diversão e prazer**.

⁶ É o momento que permite ao leitor sentir a variação dada à pesquisa, pelos copesquisadores, e leva, também, o facilitador a retificar, complementar e complexificar suas percepções iniciais quanto às linhas do pensamento do grupo. Teixeira (2003, p.37)

Os copesquisadores aumentaram a discussão sobre as questões inerentes ao corpo, nas relações da diversidade entre os casais no sentido de inovação, amplitude no desejo um do outro, novas experiências, fantasias, trazendo algo mais excitante no dia a dia. E assim produziram mais um confeto: o *negócio colorido da sexualidade tartaruga ninja surfista* que é a sexualidade que tem como característica a alegria das cores misturadas. E, mediante o questionamento sobre: como pensar a sexualidade colorida, misturada e surfista? os jovens discorreram:

Que haja sempre uma diversidade para que tenha aquele aperitivo novo, aquele desejo, que sempre realça dentro dos dois, para que não canse um do outro se realmente for amor. Para que não seja passageiro e guarde lembranças boas para a eternidade. A questão da diversidade em está inovando a cada dia, de ter aquela emoção, não só satisfazer algum tipo de fantasia, mas no local, na situação, se for proibido ter aquela coisa mais atraente, mais excitante, está sempre inovando, independente de qualquer coisa. Aprendendo um desejo novo.

(Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

Observou-se que o pensamento do grupo se distancia da fluidez presente nas relações atuais, nas quais, como afirma Bauman (apud Costa, 2009), parece que as pessoas andam atrás de relacionamentos de bolso, úteis e descartáveis. Para os copesquisadores, a diversidade entre o casal permeia a ideia clara de variação, mas no sentido de inovar, realizar algo novo com o mesmo parceiro, trazer para a relação algo que traga proximidade entre o casal, que evite que um não se canse do outro, que satisfaçam fantasias sexuais e aprendam algo novo, permitindo uma maior solidez e, conseqüentemente, durabilidade da relação. E, diante dessa assertiva, concorda-se com Furlani (2003, p. 07) quando menciona que a sexualidade humana:

Não está submetida ao condicionamento animal, cingida ao mundo natural. É um aspecto que vai além disso, ela tem a ver com a intencionalidade, no sentido de consciência e de experiência de significado do sujeito humano. Está inscrita, pois, na esfera existencial, original e inventiva em sua expressão e vivência. E esta esfera é dinâmica, paradoxal, processual. Não se pode, portanto, restringir a sexualidade a um resíduo único e inerte. Em outras palavras, a sexualidade está sempre aberta a novos sentidos e a novas formas de experienciá-la.

Os copesquisadores mencionaram uma assertiva interessante nessa dimensão de pensamento no que se refere aos saberes, na qual explicitam que seria chato se tudo fosse esclarecido a respeito da sexualidade e o quanto é importante inovar, descobrir coisas novas, coisas mais excitantes. Pois, ao tempo que necessitam das informações e muitas vezes clamam por respostas, eles não querem saber tudo por talvez não proporcionar a excitação das descobertas, a emoção do desconhecido e da curiosidade. Seria então por isso que o grupo

criou o confeto *pássaro sexualidade de muitas cores*? Que mora no alto e olha de cima o que acontece na sexualidade. Questionados sobre: o que é um *pássaro sexualidade de muitas cores* e o que sobre a sexualidade saber se é de longe que ele vê? Os jovens assim relataram:

Sua imaginação pode levar a algumas atitudes, alguns atos para apimentar a relação. Eu acho que a palavra chave seria diversificar.

(Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

Só observar de longe não adianta muita coisa se você não tem um contato com a informação, quer dizer, não precisa você saber muito para definir a sua sexualidade, você vai aprendendo com o tempo e se ele ficar lá sem nenhum diálogo, não tem como ele receber uma informação com que ele se concretize.

(Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Nas narrativas, o lugar já significa uma atitude qual seja da pessoa não em somente observar de longe, mas ter contato com a informação para que ela se concretize, isso chama a atenção para como deve ser uma formação em sexualidade para os jovens, ou seja, não precisa saber muito, mas é necessária a aproximação da informação dialogando para não ficarem dúvidas. E são essas informações que muitas vezes proporcionam um autoconhecimento, pois facilitam os esclarecimentos sobre as transformações biopsicossociais pelas quais os jovens atravessam, favorecendo os prazeres inerentes à sexualidade. O grupo então cria o confeto *pássaro objeto de desejo* em que a sexualidade tem sido objeto de desejo e que por isso a pessoa cuida do seu corpo para ser mais desejado e quanto mais isso acontece, mas se cuida e conhece a si mesmo, além da busca por novos prazeres. Mediante a pergunta realizada na contra-análise sobre os saberes que um corpo deve ter para viver uma sexualidade *pássaro objeto de desejo*, os jovens narraram:

Conhecer a si mesmo, claro, a gente nunca se conhece totalmente, mais em certa parte, se conhecer, ver. Lógico, ver o que as pessoas atraem em outras pessoas, pra investir naquilo, no seu ponto forte, digamos assim. E investir no que realmente vai atrair outras pessoas e esse bicho pássaro objeto de desejo é exatamente isso, pois ele se valoriza a partir do momento que ele passa a se conhecer, passa a se valorizar pra crescer naquilo e atrair mais pessoas, atrair mais sexualmente (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Furlani (2003, p. 142) ao mencionar o autoconhecimento do corpo, refere que:

Durante a infância, a automanipulação infantil é uma atividade de descoberta do corpo prevista no desenvolvimento psicosssexual da criança e que esta prática é extremamente importante para a evolução sexual do ser humano, não devendo, portanto, ser encarada com o preconceito repressor que vem sendo conferido a ela e principalmente, às crianças e jovens que a praticam.

E nessa busca sobre o autoconhecimento, os jovens mencionaram sobre o momento certo para tê-lo, para obterem esclarecimentos sobre a sexualidade, e diante do questionamento se existe uma idade ou um momento certo para se falar em sexualidade, o grupo relatou:

Não necessariamente, porque não tem uma idade certa, mas no momento que começam a aparecer as dúvidas, elas têm que ser esclarecidas de um jeito ou de outro, mas muitas vezes, uma criança, por exemplo, quando ela chega e pergunta de onde vem os bebês, qual é a explicação? Já é uma sexualidade de um jeito, porque ele não tem aquele pensamento sexual, porque ele não sabe de onde vem, mas a mãe já tem que começar a explicar. Claro que a gente inventa a estória da cegonha e muitas crianças acreditam por serem inocentes, mas hoje em dia elas estão mais sábias.

(Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

E se torna mais constrangedor também se a criança cresce pensando, digamos se tem uns 10 anos, pensando negócio de cegonha e relata isso com outras pessoas que sabem que aquilo ali não é isso, se torna constrangedor pra ela.

(Maria Karla, Floriano (UFPI), 2013).

Os jovens ressaltaram a importância de existir esclarecimentos pelos pais desde a infância e de forma clara, sem o uso de histórias fantasiosas e mentirosas que possam atrapalhar o entendimento das crianças no momento em que a escola transversaliza a discussão sobre sexualidade nas disciplinas afins, tornando por vezes constrangedor para a criança e o jovem, realçando assim uma possível fragilidade nas relações de confiança estabelecida entre pais e filhos. Sobre isso, Pais (2012) comenta que particularmente em relação à sexualidade, a idade cronológica entrecruza-se com uma idade mental e emocional. Ou seja, a idade não é apenas cronologicamente definível. Há uma idade emocional, de foro psicológico, que não depende dos anos, mas de uma maturidade igualmente emocional.

Dando continuidade à discussão sobre os saberes e as experiências com a sexualidade, os copesquisadores criaram o confeto *saberes DST da sexualidade*, que é o conhecimento sobre o uso de contraceptivos, por exemplo, o cuidado no uso da camisinha que é o método mais seguro para os jovens, desde que seja usada adequadamente. Se isso não acontecer, pode dar medo e trazer várias dúvidas. Mediante a interrogação: quais são os medos e as dúvidas em relação aos *saberes DST da sexualidade*? Os jovens assim responderam:

Lembrei-me de uma situação que aconteceu em sala de aula quando foi realizada uma pergunta sobre como utilizar a camisinha. Será que nós estamos usando camisinha? Por quê? Porque eu não sabia nem como usava, imagine como falar se eu sabia realmente usar. Mas é essa a questão, a gente não tem que saber só sintomas das DST, causas, modo de prevenção, na forma de prevenção vai entrar a questão de saber ou não usar camisinha. É o único método, de todos os métodos

contraceptivos, que vai impedir uma DST, a camisinha e o restante vai impedir uma gravidez, mas o pior dos problemas não é uma gravidez, é uma DST, porque o filho se gerou, nasceu, você cria, mas uma DST é irreversível, muitas vezes (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Sobre isso, Besserra *et al* (2008) comenta que a estratégia básica de prevenção da transmissão das DSTs é a informação de forma direcionada a capacitar o indivíduo à percepção de fatores de risco, levá-los a mudanças no comportamento sexual e adoção do preservativo.

Os jovens ampliaram a discussão sobre os saberes inerentes à sexualidade e criaram o confeto *saberes masturbação*, que é o saber que se pensa e se faz para ter experiência, pelo medo de como vai ser a primeira vez e não para satisfação sexual. É frequente nos jovens pela curiosidade de saber e satisfazer suas dúvidas, até por ouvir tanto falar, além de ser mais praticada pelos homens do que pelas mulheres. Esse saber se faz para se ter experiência. Os *bichos* apresentaram uma ambiguidade, pois dizem que não fazem a masturbação para se satisfazerem e, ao mesmo tempo, dizem que praticam para se satisfazerem. Na contra-análise, os jovens foram questionados sobre o que acham disto e assim disseram:

A primeira vez é curiosidade, quer saber a sensação que traz, depois que você descobre e continua praticando já é pra se satisfazer, por prazer mesmo e pode virar um vício realmente. Eu acho que se não trouxe satisfação, de alguma forma vai querer saber o porquê não trouxe. E você descobre que fez do jeito certo e não lhe satisfaz, deixa pra lá, agora se você pensa que fez do jeito errado e acaba do jeito que pode ser o certo, você vai tentar de novo, pela curiosidade de saber a verdadeira sensação (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Nesse contexto, Furlani (2003) afirma que a masturbação é como uma importante manifestação da sexualidade, pela busca do autoconhecimento e pela busca do prazer individual, como possibilidade de extravasar as tensões do ritmo da vida, de ampliação de práticas sexuais com o companheiro, no compartilhar de intimidade e afetos e como tipo de sexo seguro.

Os jovens expandiram o debate sobre um momento especial, que tem que ser algo único e natural. Assim, criaram o confeto *saber primeira vez*, que é o saber em relação à virgindade, no qual ela não é perdida, ganha-se um momento, que independentemente de ser bom ou ruim, é especial. Mencionaram também que a perda da inocência acontece com o aprendizado, com as informações sobre sexualidade. Desse modo, o grupo problematizou:

Você vai perder a virgindade quando aflorada aquela sexualidade, mas por isso seria único, natural, porque vai acontecer. Pra o homem é mais fácil perder a virgindade do que pra mulher, a mulher tem o negócio do clitóris e tal, né? E o

homem não, é muito mais fácil ele pode se masturbar, ejacular. A mulher precisa de algo mais pra perder essa virgindade, mas quando passa a ser a virgindade entre duas pessoas e a relação é sexual, aí aquele momento único se torna mágico, inesquecível, bom ou não acaba sendo inesquecível. Se foi bom e você lembrar, ótimo, com ótimas lembranças e se você lembrar mesmo que tenha sido ruim, mas é natural (Karla, Floriano (UFPI), 2013).

Os copesquisadores diferenciaram as sensações de prazer que se sente na infância daquelas presentes na juventude. Na infância, eles acreditam que há inocência, o prazer é desprovido de intencionalidade, enquanto na idade mais tenra, uma vez que o desejo seja descoberto, existe a contínua busca pelo prazer.

A segunda linha de pensamento: *As dificuldades dos jovens sobre a sexualidade e as estratégias e aliados na superação dessas dificuldades*, envolve as diversas problemáticas enfrentadas pelo grupo durante essa fase, como: as dúvidas, o relacionamento com os pais, os sentimentos nos quais os jovens estão envolvidos, as escolhas, riscos, assim como as estratégias e os aliados que os ajudaram nas problemáticas.

Nesse sentido, o pensamento do grupo foi mobilizado pelo confeto *pássaro sexualidade de muitas cores* que sobrevoando a sexualidade, cai numa *dificuldade labirinto* e emaranhado em muitas linhas perde-se do seu ninho, corre riscos. Diante do questionamento, o que seria uma *dificuldade labirinto* na sexualidade de uma pessoa? Na contra-análise, os jovens problematizaram:

A dificuldade labirinto de uma pessoa é saber onde buscar as respostas. Ao buscá-las, encontramos diversas, então cai nesse labirinto procurando o melhor caminho. Pode ser os vários caminhos que você tem para seguir, porque a sexualidade não é uma só, são diversas, você entra num labirinto e tem diversos caminhos a seguir e você não sabe qual. Dependendo das informações, digamos que nesse labirinto tem uma placa e você vai de acordo com as placas até descobrir a sua sexualidade (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Percebeu-se no pensamento do grupo, que a *dificuldade labirinto* está ligada às dúvidas diante das inúmeras respostas, porque a sexualidade não é uma só, são diversas e com diferentes caminhos que levam a descobri-la. Nesses caminhos no labirinto da sexualidade, as informações são sinalizadas com placas que irão favorecer as descobertas, até que o jovem descubra sua sexualidade. E assim, na contra-análise, o grupo problematizou:

E a cada placa labirinto que você passa, ocorre uma transformação, caso não dê certo, você volta pelo labirinto e busca outro caminho. Fazer uma teia, trilhar uma teia de aranha até chegar a uma resposta (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Mas sempre acha uma resposta, no labirinto sempre tem um meio e nesse meio sempre tem uma informação correta. Esse labirinto você pode ou não sair dele (Ana Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Nunca tem fim. Acho que para cada dúvida, sempre terá uma certeza e de acordo com seu aprendizado ao longo do caminho, você consegue encontrar uma certeza e consegue ter um aprendizado e assim, vai buscando novas coisas (Maria Karla, Floriano (UFPI), 2013).

O grupo levantou a ideia de que entrar na dificuldade labirinto é arriscado, mexe com a cabeça, porque há vários caminhos e possibilidades ao longo do aprendizado com a sexualidade, novas coisas irão aparecer e isto nunca terá fim. Então, para os copesquisadores a palavra-chave em relação à sexualidade é: risco. Correm riscos, porque as dúvidas independem das escolhas que façam, podendo ou não, sair do labirinto da sexualidade.

Além disso, observou-se no confeto *dificuldade labirinto*, que o grupo é potente, porque ao contrário do que se poderia superficialmente pensar, as dificuldades não despotencializam os jovens, pelo contrário, no labirinto sempre há um caminho para uma resposta. Os jovens demonstraram que os conhecimentos sobre a sexualidade não são finitos, que correm riscos sempre, independentemente da opção que façam, porque sempre há algo novo a descobrir e não se sabe no que vai dar ou o que vai gerar.

Foi interessante perceber que a *dificuldade labirinto* possui vários caminhos, porque a sexualidade não é uma só, são diversas sexualidades. Ao entrar nesse labirinto, o jovem não sabe qual caminho seguir, fica dependendo das informações expressas em placas que sinalizam o caminho para a descoberta da sexualidade. Diante desse contexto, indagou-se: placas de sinalização na aprendizagem da sexualidade? A aprendizagem desses jovens possui placas de sinalização porque em meio às sexualidades múltiplas, eles querem saber o que é cada momento, qual o melhor caminho, sempre buscando novas informações e isso é interminável, o jovem é interminável. Canevacci (2005, p. 28) discute que:

Isto não deve ser entendido – obviamente - no sentido de que são eliminados, pelo contrário: no sentido de que os jovens não acabaram. Que podem não se acabar. Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não terminada e inclusive como não terminável.

E por isso, o que pode ser interminável é também arriscado, os jovens podem ou não sair do labirinto e sobre suas escolhas sempre haverá algo a conhecer, uma vez que a própria condição de jovem é interminável. Não é à toa que os jovens necessitam das informações e as buscas são infinitas. Mas, como enfrentar teias e conseguir o aprendizado ao longo do caminho? Sobre o percurso dessa *dificuldade labirinto*, o grupo criou outro confeto *minhoca*

amarela da sexualidade que é uma sexualidade que mora numa bolha sobrevoando o mar. Quando questionados na contra-análise sobre que riscos poderiam viver com sua sexualidade, eles responderam:

Decepções e angústias. Não encontrar a pessoa certa, encontrando várias respostas e ainda você não vai se satisfazer (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Insegurança, o medo de fazer o errado e não ser o que você acha que é errado, o que acha que seria bom e no final foi ruim, você vai sempre ter essa dúvida, se não procurar a resposta, se não procurar se interagir, se continuar só no seu íntimo se protegendo, não sei de que, você sempre terá uma decepção (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Se a pessoa se prender, não deixar florir essa fase que sempre vai acontecer, ela vai se arrepender da época que passou e não buscou, porque o tempo vai passando e a necessidade vai surgindo cada vez mais (Ana Karla, Floriano (UFPI), 2013).

É importante mencionar que nessa linha de pensamento, existe uma forte discussão sobre os sentimentos que esses jovens possuem a respeito dos riscos. As decepções, angústias, insegurança e medo fazem parte desse mundo de profundas transformações, dúvidas e descobertas em meio às situações consideradas arriscadas, como: não encontrar a “pessoa certa”, não se satisfazer e/ou satisfazer sexualmente ou emocionalmente ao outro, arrepender-se do “tempo perdido”, porque não se pode voltar atrás.

Esse contexto conduziu as facilitadoras a lembrar dos versos: “Todos os dias quando acordo/ não tenho mais o tempo que passou/ mas tenho muito tempo/ temos todo o tempo do mundo [...] temos nosso próprio tempo”, da música de Renato Russo, Tempo Perdido, datada de 1986, que se refere às possibilidades de busca dos jovens, mesmo que o tempo muitas vezes se perca, mas que muito pode ser realizado ainda, pela possibilidade de ter o seu “próprio tempo”. Os copesquisadores desvelaram que buscam realizar-se no tempo “agora”, porque a contagem é ininterrupta e há o medo de arrepender-se pelo tempo perdido.

O grupo, mesclando os sentimentos relacionados às descobertas e os riscos, criaram também o confeto *cachorro verde amarelo da sexualidade*, que vive próximo a uma cachoeira e a uma floresta, para atravessá-las esta sexualidade usa-se uma bolha. Protegida ela caminha, e do alto ela despenca, medo e dor a dominam. E quando arguidos sobre o que pensar dessa sexualidade, o grupo explicou:

Mesmo tendo várias informações, precisamos nos amadurecer primeiramente e não cair de cabeça, eu sei que existem muitos riscos, a gente tem que correr esses riscos, mas temos que pensar primeiro e não se arrepender depois (Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

Assim, o corpo se retrai em meio a estes sentimentos de dor e medo, que os levam a necessidade de pensar muito para que não haja arrependimentos, ou seja, esses sentimentos os despoticizam.

Relacionado a essas perdas entremeadas aos sentimentos, os jovens produziram o confeto *dificuldade buraco da sexualidade*, no qual discutiram que esta dificuldade está ligada a todas as decepções que vão passar nesse período de descobertas e que o período da sexualidade não é só de alegria e nem de tristeza. Frente a isso, os jovens estudantes trouxeram outros elementos para pensar as dificuldades com a sexualidade que envolvem, sobretudo, a falta de informação ou mesmo as dúvidas em relação a quem buscar para os esclarecimentos. Tudo isto gerou no grupo sentimentos de timidez, insegurança e medo, vejamos as narrativas:

Na dificuldade buraco da sexualidade, se tem medo da falta de informação, ou da pouca informação, se tem de buscar informações em outros lugares ou na própria família. Tem medo de chegar e ser tachada e questionada sobre o porquê se quer saber sobre isso, você não tem idade. Eu acho que existe medo, muito medo de se decepcionar, de se mostrar e timidez também (Ana Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Ter medo por não ter a confiança daquela pessoa, mas por mais informação que ela tenha, vai ouvir de um e de outro, mas opta por medo, o medo domina e ela fica nessa condição, que não realiza por conta dessa outra informação contrária do resultado escolhido (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

E todas essas questões envolvem a busca, a comunicação em como dizer e para quem dizer as indagações, além dos mais variados sentimentos que envolvem esse momento, como: a frustração, limitações e as satisfações. Adad (2011) menciona que estes sentimentos negativos são refutados quando se encontra coragem de falar, quem sabe de denunciar o que o impede de alçar voos, de poder dizer aquilo que não quer, de não calar diante daquilo que o amedronta, o prende e o sufoca. Surge a força para agir, para poder fazer coisas que ele não fazia antes, para lutar e se defender. Nesse sentido, os jovens conceberam o confeto ambíguo *cobra Gisele* que é a sexualidade simples porque dá medo e é complicada de falar. E diante da pergunta: o que dá medo e é complicado de falar no que diz respeito à sexualidade? Os jovens, na contra-análise, assim problematizaram:

No início a frustração, a pessoa vai criando aquela imagem de pensamento que vai ser aquilo tudo, quer agradar e também se satisfazer, vai que não ocorra nem em um e nem outro, acho que constrange mesmo (Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

O confeto *cobra Gisele* permitiu aos jovens demonstrar que a sexualidade é ao mesmo tempo simples e complicada de falar. Simples, porque hoje se fala muito e em muitos lugares sobre a sexualidade e de suas várias formas de realização sexual e complicada de falar porque ainda há limitações no que se refere às pessoas em demonstrar e extravasar a sua sexualidade, ou seja, ainda é um tabu. E esse silêncio instaurado faz parte de uma hipótese denominada por Foucault (2011) de repressiva, no entanto ao mesmo tempo em que expõe as situações repressoras ele também aborda situações que as refutam, como na afirmação: mas isso não significa um puro e simples silenciar. Não se fala menos do sexo, pelo contrário, fala-se dele de outra maneira. São outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos.

Observa-se que todo esse caminho ambíguo leva os jovens a sentimentos paradoxais, relacionando a sexualidade às tristezas, decepções, conflitos, mas também mencionando alegrias, demonstrando que os jovens precisam deixar-se permitir, para que não deixe de “florir”, isto é, não deixar o tempo passar sem aproveitá-lo, para que depois não haja arrependimentos. Em meio a isto, novos desafios, novas inquietações são destacadas na criação do confeto *tartaruga da sexualidade* que é aquela que mora na terra e no ar porque ela caminha e sabe voar. Ela sobe e desce sem nada temer, porque na bolha da sexualidade está. E mediante o questionamento na contra-análise: o que pode o corpo dentro de uma bolha fazer? Os jovens foram enfáticos:

A sexualidade bolha prisão é uma prisão para o corpo em que a pessoa sente medo de buscar a informação, talvez por sempre querer, sempre sentir essa necessidade (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Acho que é a preocupação no que vai fazer, porque ao mesmo tempo em que ela está em contato com outras pessoas, na terra ela sempre observa o que está acontecendo em volta e a bolha não serve muito como uma visão, mas com o que você se preocupa. É como se fosse uma fina barreira, que faz você pensar antes de transpor, pensar no que vai fazer e como vai agir, ela não se prende a ninguém, mas também não se mostra para ninguém ou para todo mundo (Maria Karla, Floriano (UFPI), 2013).

Percebeu-se nas ideias do grupo uma preocupação dos jovens com suas atitudes e com a dos outros, observando tudo que está em volta deles, pois a bolha é um impedimento, uma fina barreira que faz com que exista uma reflexão antes de tomar atitudes. No entanto, ao mesmo tempo existe uma divergência por pensar essa bolha como uma prisão, na qual os sentimentos e as atitudes estão encarcerados pelo medo.

Nesse processo de transformações, impedimentos e atitudes dos jovens encontra-se uma identidade em crise. Rena (2006) complementa que isso implica dizer que estamos diante de um momento do ciclo vital que, paradoxalmente, encerra grandes riscos e grandes possibilidades para o projeto de vida em construção, próprio dos momentos de crise. Nesses momentos, o apoio da família aos jovens parece ser necessário, uma vez que este pode se apresentar como a base da educação e um suporte emocional nessa época da vida. Nessa perspectiva, a discussão do grupo atravessa uma dimensão importante que é a relação existente entre a sexualidade e os pais.

Para pensar esta problemática da relação entre pais e jovens, estes conceberam o confeto *dificuldade família muito fechada* e disseram que é aquela dificuldade com a sexualidade em que não há espaço para o jovem se abrir, tirar alguma dúvida. Não há diálogo sobre a sexualidade e isto é algo de que o jovem necessita, sente falta desse apoio, desse alicerce que é essencial para ele. Assim, sobre o que fazer diante dessa situação, na contra-análise, os copesquisadores disseram:

Há barreiras na família, tentei as informações com minha mãe, não há muito diálogo, esse é o problema, ela não fala nada, fica calada, não dá espaço, não há espaço de jeito nenhum (Maria Karla, Floriano (UFPI), 2013).

Constatou-se que esses jovens querem e buscam receber informações da família, entretanto, parecem existir barreiras que culminam em uma dificuldade em dialogar, que por sua vez impede que a família consiga abordar a temática da sexualidade com os jovens. Essas ideias revelaram o problema do silêncio da família em relação à sexualidade, o “não falar nada”, o “ficar calada”, o “não dar espaço”.

Nesse contexto, Pais (2012) afirma que ao contrário do que se pensava em anteriores gerações, entre pais e filhos já se fala de sexualidade, embora com algumas limitações, ou seja, a educação sexual já não prima pelo silêncio absoluto, ainda que a comunicação se circunscreva, principalmente, à prevenção dos riscos associados à prática sexual.

Desse modo, para que o silêncio em relação à discussão da sexualidade na família não seja absoluto, os copesquisadores afirmaram que

A mãe era fechada, e a filha bateu tanto na tecla que se abriu de tanto insistir (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Com isso, eles demonstraram que podem criar estratégias para enfrentar o problema do silêncio da família em relação à sexualidade, uma delas é a persistência no diálogo com os pais, uma vez que afirmaram que se as informações forem obtidas de outros modos, possivelmente poderão trazer complicações posteriores. Essa afirmação se confirma no seguinte relato:

Eu acho que é só fazer a família entender que se não tiver informação lá, pode ter de outro jeito e esse jeito pode ser errado (Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

Na contra-análise, ratificando a importância que os copesquisadores dão ao diálogo com os pais, diante do questionamento: quem seria o melhor aliado para da sexualidade falar? Os jovens disseram:

O melhor aliado seria o pai e a mãe. É quem devia realmente falar da sexualidade, mas normalmente não é o que acontece (Júlia, Floriano (UFPI), 2013).

Sobre isso, Pais (2012, p. 29) comenta que:

Se em épocas anteriores ressaltava um aparente distanciamento entre as gerações, hoje se questiona a relativa dissolução de vínculos de respeitabilidade entre pais e filhos que se traduz, em alguns casos, por uma falta de controle educativo. Discute-se mesmo o abandono a que os filhos são relegados, não porque não sejam amados, mas, simplesmente, porque não são devidamente acompanhados. É a problemática dos chamados “pais ausentes”, por deixarem os filhos demasiadamente à solta.

O grupo problematizou essa discussão diante do confeto *sexualidade pássaro objeto de desejo* que ocorre quando o jovem quer saber, tem curiosidade, mas a dificuldade é com os pais que explicam de maneira sufocadora, dizendo assim: Não faz, é isso, é aquilo! Na contra-análise, os jovens relataram:

Começa logo uma briga porque você quer saber disso tudo, não é o tempo de saber disso. E assim questiono: quando é o tempo de saber? quando? Eles não sabem também dizer e torna-se uma confusão generalizada (Maria Karla, Floriano (UFPI), 2013).

E esse tempo nunca chega para os pais. A família é a base de tudo, nossos pais servem como exemplo, o que eles falam pra gente será seguido porque a gente sabe que eles querem o nosso bem e seria interessante que eles tivessem essa atitude de conversar com os filhos. Com certeza, vai chegar essa fase na vida de todo mundo (Amanda, Floriano (UFPI), 2013).

Bomfim (2006, p.53) afirma que os jovens ao avaliarem as atitudes de pais, mães e educadores, sentem a necessidade de eles e elas dedicarem tempo para ouvi-los, pelo fato de estarem cansados de serem mandados, além de exigirem reciprocidade nas relações. Seria por isso que os jovens procuram também essas elucidações em outros ambientes, com outras pessoas, em outros corpos? Nessa perspectiva, os jovens criaram o confeto *boca fechada da sexualidade*, que é vermelha, delineada e cheia de coisas da sexualidade para contar, mas a boca fechada está. E assim no questionamento sobre como se deve da sexualidade falar, o grupo problematizou:

Depende da roda de pessoas que estão juntas. Falar em casa, com o pai ou com a mãe, é complicado para a maioria. Na roda de amigos nem tanto, é muito fácil você conversar, tirar as dúvidas, flui as respostas, mas para falar do assunto acho necessário primeiro conhecer, para poder ter o que falar hoje. A sexualidade tem muitos meios de comunicações que já nos transmite algumas respostas de algumas perguntas, como: televisões, novelas, principalmente a internet (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

O grupo, permeando as dificuldades em esclarecer suas dúvidas com os pais, afirmou encontrar formas de obtenção de esclarecimentos em rodas de amigos, nas quais as experiências são trocadas sem nenhum receio e fluem naturalmente. Essa espontaneidade em falar sobre sexualidade ocorre diante de pessoas com as quais os jovens possuem relações de confiança, as quais são construídas através de uma gradativa aproximação, conforme ratifica o relato:

Começam a falar dos mais básicos para não ir se envergonhando e depois vai puxando uma conversa mais estendida, começa da intimidade que eles têm entre si, conversam e tiram suas dúvidas, expõem suas ideias (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Percebeu-se nos depoimentos, que essa aproximação entre os jovens gera uma intimidade para falar da temática da sexualidade, da qual, como afirma o copesquisador Arthur,

Falar nem sempre é fácil, mas nem sempre também é difícil (Arthur, Floriano (UFPI), 2013).

Os jovens mencionaram também a importância de se ter um conhecimento prévio sobre a sexualidade antes de conversar com outras pessoas, seria como um ponto de partida para se questionar com os amigos, sendo a televisão e a internet, aparentemente, os meios

mais rápidos e práticos para isso, não havendo provavelmente muita preocupação de que essas informações possam estar certas, erradas ou incompletas. Com isso, evidenciou-se que nem sempre os jovens, para esclarecer suas dúvidas, demonstram a disponibilidade e o interesse necessários para tentar romper a barreira do silêncio da família, outrora mencionado pelos copesquisadores.

Nesse sentido, Bomfim (2006) elucida que a agregação dos jovens a outros jovens é um fenômeno juvenil aparentemente natural como continuidade da socialização primária iniciada na família. Entretanto, na conjuntura brasileira e piauiense (e em diversos países), esse fenômeno tem múltiplos vínculos nas dimensões afetivas (busca de amizades fora da família), estruturais (insuficiência ou ineficácia das políticas públicas de para com as juventudes, exclusão da escola), políticos (busca de espaços próprios para a diversão, para ação cidadã, para protesto e para criatividade), diante das atitudes dos adultos (familiares, educadores, gestores públicos) que na maioria das vezes, não lhes ouvem (os jovens) ou, quando isso ocorre, não respondem satisfatoriamente aos seus anseios, necessidades e desejos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação aos saberes, os copesquisadores demonstraram que a sexualidade é algo inerente ao ser humano, é vital e por isso não adianta reprimê-la, pois ela está no íntimo, mesmo que não seja ativa e praticada. Ela permanece pela vida inteira, fazendo parte do movimento e do andar. Entretanto, mesmo sendo ela intrínseca aos seres humanos, alguns jovens usam atrativos como roupas sexy, modos de caminhar e olhar, o sorriso para serem admirados ao passar por rodas de pessoas, enquanto outros sentem timidez diante dessa exposição, consideram que existe o melhor momento e o lugar certo, pois querem ser valorizados e conquistar o respeito do outro. Percebeu-se também, o quanto os aspectos estéticos denunciam certa captura destas subjetividades juvenis ao modelo capitalista do que seja um corpo ideal para a sexualidade.

Os jovens mencionaram as transformações ocorridas durante a puberdade, destacando o processo de masturbação que é utilizada inicialmente para descobertas das sensações e conhecimento do corpo para o prazer. Abordaram sobre as DSTs/AIDS na importância de saber usar os métodos contraceptivos, destacando a camisinha, que para eles é o melhor método. Realçaram, ainda, os sentimentos envolvidos na primeira relação sexual, sendo assimilada com um momento especial, independentemente de ter sido bom ou ruim.

Quanto às dificuldades, aliados e estratégias os jovens problematizaram a sexualidade através do confeto *dificuldade labirinto*, revelando que a sexualidade não é uma só, são diversas e com diversos caminhos. Neles, as informações são sinalizadas com placas que irão favorecer as descobertas da sexualidade. Constatou-se que as dificuldades não despotencializam os jovens, pelo contrário, no labirinto eles sempre encontram um caminho para uma resposta, apesar dos sentimentos envolvidos, que podem ser de alegria, mas também: tristeza, medo e angústia.

As ideias dos jovens revelaram o problema do silêncio da família em relação à sexualidade, o “não falar nada”, o “ficar calada”, o “não dar espaço” e, para que este silêncio não seja absoluto, eles demonstraram que podem criar estratégias, uma delas é a persistência no diálogo com os pais. Em outros momentos, os jovens mencionaram a importância de se ter um conhecimento prévio sobre a sexualidade antes de conversar com outras pessoas, sendo a televisão e a internet, aparentemente, os meios mais rápidos e práticos para isso, não havendo provavelmente muita preocupação de que essas informações podem estar certas, erradas ou incompletas. Com isso, evidenciou-se que nem sempre os jovens, para esclarecer suas dúvidas, demonstram a disponibilidade e o interesse necessários para tentar romper a barreira do silêncio da família, outrora mencionada por eles.

Este trabalho revelou a possibilidade de adentrar no universo da temática da sexualidade dos jovens, enquanto objeto de estudo, de outros modos menos assujeitados, demonstrando os conceitos dos próprios jovens sobre a sexualidade e a capacidade que os mesmos possuem de problematizar o tema em questão, possibilitando aos professores a oportunidade de reflexão para inovação de suas práticas docentes com jovens, ampliando seus olhares e exacerbando uma escuta sensível para as necessidades que estão sutilmente guardadas em cada jovem.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. O estilo monta o espetáculo. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculos urbanos**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

ADAD, S.J. H. C; JUNIOR. F.O.B. **Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BRASIL. **Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais: Sexualidade e Orientação Sexual**. Brasília: MEC: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2009. (Módulo 3).

BOMFIM, M. C. A. **Agregação de juventude: múltiplos olhares**. In: BOMFIM, M. C. A.: *Juventudes, Culturas de Paz e Violências na Escola*. Fortaleza: UFC, 2006

CANEVACCI, M. **Culturas Extremas: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 1942.

CARVALHO, A.; PINTO, M. V. **Ser ou não ser**. Quem são os adolescentes? In A. Carvalho, F. Salles, M. Guimarães (Org.), *Adolescência*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

COSTA, M. V. Zygmunt Bauman: Compreender a vida na mortalidade líquida. **Revista Educação Autores e tendências**. São Paulo: Editora Segmento, v.1, 2009.

FERRARI, A. **Adolescência: o segundo desafio, considerações psicanalíticas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente** 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

GAUTHIER, J. **O livro do iniciante e do orientador**. Mimeografado. 2010

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEVI, G.; SCHMITT, J. (Org.). **História dos jovens I: da antiguidade à era moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACÊDO, R. M. de A. **Juventudes, cultura de paz e escola: transformando possibilidades em realidade**. Fortaleza.UFC. 2012 Tese de doutorado.

PAIS, J. M. **Sexualidade e Afectos Juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

RENA, L.C.C.B. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

SANTOS, I. **Sociopoética**. Uma ponte para cuidar/Pesquisar em Enfermagem. Index de Enfermagem. Ondex de Enfermeria[índex Enferm](edição digital) 2005; 50. Em <http://www.Index-F.Com/Index-Enfermeria/50revista/P5233.Php> Consultado em 09/03/2013.

SILVA, R. S.; SILVA, V. R. Política Nacional de Juventude: trajetórias e desafios. Caderno **CRH**. v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

WHO, World Health Organization. **Young People's Health - a Challenge for Society.** Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.